

O COSMOS ATOMISTA NO LIVRO V DO *DE RERUM NATURA* DE LUCRÉCIO*Paulo Marcio Feitosa de Sousa¹*

Resumo: Este artigo explora a visão atomista do cosmos no livro V do *De rerum natura* de Lucrécio, oferecendo uma interpretação epicurista da formação do universo e da natureza das almas humanas, onde tudo é composto por átomos e vazio, regido por leis naturais e sem intervenção divina. O artigo discute detalhadamente como Lucrécio descreve a formação e a estrutura do cosmos, incluindo a origem e a natureza das almas humanas, que também são feitas de átomos e estão intimamente ligadas ao corpo, perecendo juntos com a morte e rejeitando a imortalidade. A cosmologia apresentada explica, além disso, a diversidade e a ordem no universo através do movimento aleatório dos átomos. Conclui-se que a visão de Lucrécio não apenas fornece uma explicação materialista para o cosmos e a alma humana, mas também promove uma vida baseada no conhecimento e na tranquilidade espiritual, buscando libertar o homem do medo da morte e dos deuses.

Palavras-chave: cosmologia; alma humana; Lucrécio; *De rerum natura*; atomismo.

THE ATOMISTIC COSMOS IN BOOK V OF LUCRETIUS' *DE RERUM NATURA*

Abstract: This article explores the atomist view of the cosmos in Book V of Lucretius' *De rerum natura*, providing an Epicurean interpretation of the formation of the universe and the nature of human souls, where everything is composed of atoms and void, governed by natural laws and without divine intervention. The article discusses in detail how Lucretius describes the formation and structure of the cosmos, including the origin and nature of human souls, which are also made of atoms and are closely tied to the body, perishing together with death and rejecting immortality. The cosmology presented also explains the diversity and order in the universe through the random movement of atoms. It concludes that Lucretius' view not only provides a materialistic explanation for the cosmos and the human soul but also promotes a life based on knowledge and spiritual tranquillity, looking to free humans from the fear of death and the gods.

Keywords: cosmology; human soul; Lucretius; *De rerum natura*; atomism.

Lucrécio e o *De rerum natura*

O Telescópio Espacial James Webb, lançado em dezembro de 2021, tem por objetivo aproximar o olhar para o Universo primordial, observar e entender a formação das primeiras estrelas, sistemas planetários e galáxias, tentando sanar algumas dúvidas que perturbam a humanidade: o que é o Universo e qual a origem de tudo? Em diferentes períodos e lugares, o ser humano olhou para o céu em busca de respostas, elaborando hipóteses distintas sobre a origem, estrutura e evolução do Universo – Albert Einstein, Edwin Hubble, Johannes Kepler, Galileu Galilei, Nicolau Copérnico, Ptolomeu. Nosso trabalho, contudo, se concentrará na cosmologia atomista descrita pelo filósofo romano epicurista Tito Lucrécio Caro no quinto livro de seu *De rerum natura*.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UNIRIO). Orientado pela Profa. Dra. Claudia Beltrão. Contato: paulinho_marcio@hotmail.com

O *De rerum natura* é um poema épico-didático escrito pelo proeminente poeta e filósofo romano Lucrécio. A obra, escrita no século I AEC, expõe a filosofia materialista de Epicuro na literatura latina, pensada e adaptada por um romano para um público latino – trata-se, portanto, de um expoente no processo de recepção e ressignificação da filosofia grega epicurista em Roma. Lucrécio presumia que a verdadeira e necessária investigação filosófica foi elaborada por Epicuro – apresentado na obra em crescente status, como um homem grego (1.66), um pai (3.9) e um Deus (5.8-9) – e dentro dessa lógica seu papel era atuar como porta-voz desses ensinamentos e explicá-los ao seu público latino (WARREN, 2007; KENNEY, 2007).

Os epicuristas objetivavam alcançar um estado de imperturbabilidade (*ataraxia*). Para isso, tentavam remover as dores, limitar os desejos e eliminar os medos da mente para garantir uma vida feliz. Para Epicuro o bem maior é o prazer, apresentado, em Lucrécio, nos primeiros versos do *De rerum natura*, personificado na deusa Vênus, mas não se trata de um hedonismo sensual (FOWLER, 2002). Todavia, identificamos no campo da física a maior diferença entre o epicurismo e as outras escolas: um materialismo derivado das teorias atomistas do filósofo pré-socrático Demócrito. Embora atribuir aos antigos uma compreensão atômica moderna seja um equívoco, não podemos negar que estes princípios teóricos precederam a física atômica moderna. A existência, portanto, é composta por partículas indivisíveis (*átomos*) que se movem, colidem, se reúnem e se desfazem em um vazio infinito.

No poema *De rerum natura*, Lucrécio abordou diversos tópicos em seis livros, dialogando com a política, religião e ciência. O primeiro livro celebra o nascimento e o princípio vital a partir do hino a Vênus, deusa progenitora dos romanos, e trata dos átomos e do vazio. No segundo, após descrever a *ataraxia*, a ausência de dor e perturbação, como verdadeiro prazer, Lucrécio destaca a importância do conhecimento e do estudo da natureza e suas leis para se libertar dos medos, ou seja, o estudo dos átomos como forma de se libertar dos medos. Assim, a discussão sobre os átomos se seguirá por todo o segundo livro, abordando as ideias sobre o movimento, formas, variedades e combinações atômicas, além de compor toda a estrutura de pensamento epicurista e, consequentemente, da própria obra.

Se os dois primeiros livros se dedicam mais ao campo da física, discutindo sobre os átomos e o vazio, o terceiro e o quarto se debruçam sobre o humano e as questões relacionadas à alma, à mente e às sensações. No terceiro, especificamente, Lucrécio trata do medo da morte, a relação entre mente e alma, a natureza, estrutura e a mortalidade da alma, e demonstra que a alma não é exceção às leis apresentadas nos livros anteriores. No quarto livro o autor versa sobre os *simulacra*, o pensamento, os problemas relacionados à percepção e fenômenos físico-psíquicos, como o sono e os sonhos.

O livro cinco, que trataremos nesse artigo, alude à cosmologia – a formação do Universo e dos corpos celestes, o início da vida na Terra, os seres humanos e a formação da civilização. O sexto e último livro inicia com a exaltação da glória ateniense, discute o tema da natureza dos deuses, explica os fenômenos atmosféricos e geológicos, e encerra com a descrição da peste em Atenas. Por conseguinte, podemos observar que os tomos cinco e seis passam do nível micro (a fisiologia humana dos livros 3 e 4) para o macro e, em seu conjunto, retratam um aspecto histórico-cosmológico: a origem do mundo e do Universo, a formação das civilizações, o auge das civilizações marcado por Atenas e Epicuro, e a decadência de Atenas ilustrando a queda das civilizações.

A natureza materialista da alma

Lucrécio inicia seu quinto tomo com um elogio à grandeza de Epicuro, o definindo como um deus que trouxe a sabedoria e “nossas vidas, das altas ondas e trevas imensas, conduziu à mais tranquila das luzes, mais clara” (5. 8-12) – a sabedoria descoberta por Epicuro, como descreve Lucrécio, era mais necessária e superior que os grãos de Ceres e o sucos das vinhas de Líber (5. 13-16).² Os feitos de Epicuro são confrontados ainda com os Doze Trabalhos de Hércules (5. 22-36), e novamente o poeta ressalta a superioridade de seu mestre em relação às deidades (5. 37-54),³ argumentando que a verdade filosófica, descoberta por Epicuro, supera as descobertas tecnológicas associadas aos heróis e deuses. Após seu exórdio, Lucrécio menciona brevemente uma discussão anterior:

Primeiramente, a natura do ânimo soube-se feita e criada primeiro, e que consta de um corpo nativo e que não pode passar incólume em tempo longo, e que são simulacros que enganam a mente nos sonhos quando parece que vemos aqueles que a vida deixaram (Luc. 5. 59-63)⁴.

² Como observado no hino homérico ou na compilação feita por Plínio (7. 57), há uma tradição na literatura grega e romana de se atribuir algumas descobertas aos deuses. Contudo, é interessante observar que a divinização de Epicuro descrita por Lucrécio expressa a ideia de que aqueles capazes de alcançar a *ataraxia*, a perfeita paz de espírito, e, portanto, um estado de perfeição, chegam ao patamar divino.

³ Lucrécio afirma que feras continuam existindo em lugares evitáveis e, portanto, suas existências não são um problema. Logo, questiona Lucrécio: “todos os monstros do tipo de que ele livrou-se, se não tivesse vencido, vivos, que mal nos fariam?” (5. 37-38). Epicuro, por sua vez, com suas palavras e ensinamentos permite ao ser humano vencer as paixões, a soberba, a insolência, o esbanjamento, o desleixo, que tanto perturbam e atemorizam (5. 43-54).

⁴ Utilizamos em todas as passagens traduções de Rodrigo Gonçalves. Nos primeiros dois versos dessa passagem, é interessante observar as palavras utilizadas por Lucrécio (*reperta est, nativo corpore e creta primum*) sugerindo sempre que a alma nasceu, ou seja, não é eterna, foi algo inventado, criado e, portanto, teve um início, e, consequentemente, terá um fim. O termo nativo é novamente utilizado para se referir ao mundo.

Nos terceiro e quarto livros, como mencionado, Lucrécio centra-se na mortalidade da alma e nos *simulacra*.⁵ No livro III, o poeta desenvolve o tema da natureza e estrutura da alma (*anima*), o princípio vital relacionado às sensações, e da mente (*animus*), que reflete e coordena o corpo, relacionada às emoções e ao pensamento, afirmando que ambos – mente a alma – interagem entre si e atuam em conjunto no corpo. Essas interações, afirma Lucrécio, exigem que *anima* e *animus* tenham uma natureza corpórea (3. 147-167), composta por corpos minúsculos e redondos. Devido ao formato e, conseqüentemente, a redução da resistência, os corpos são mais leves e com movimentos facilitados, permitindo maior velocidade (3. 182-205)⁶.

No tocante à natureza do *animus* e da *anima*, Lucrécio aponta a junção de quatro elementos: vento, calor, ar e uma quarta natureza não nomeada – a última, mais sutil em relação as outras, explicaria o pensamento, as sensações e o movimento (3. 231-25). Assim, todas as partes da alma, a partir de movimentos gerados pela quarta natureza, se misturam e se ordenam “como se fossem muitas forças de um único corpo” (3. 262-265) – os elementos não são equilibrados nos corpos e a predominância de uns em relação aos outros geram as diferentes características, como o elemento calor gerando a ira, o medo gerado pelo vento e a serenidade do ar (3. 288-313). Por outro lado, embora haja este desequilíbrio na proporção dos diferentes elementos no corpo, a relação entre eles e o corpo é harmônica e originada na concepção da própria vida, de modo que os princípios da *anima* e do *animus* necessitam de um corpo para exercerem suas potencialidades, e um corpo humano não existe sem esses princípios (3. 323-416). A separação entre os princípios e o corpo humano, portanto, configura a morte.

Lucrécio introduz o tema da mortalidade da alma de forma didática, comparando o corpo a um recipiente capaz de conter líquido e gases. Assim como um vaso quebrado derrama os líquidos e dissipa os gases, de modo similar os princípios se esvaem do corpo (3. 437-439), e sem o corpo para conter e lhes dar forma, os princípios perdem a possibilidade de existência. O poeta indica que os princípios podem sofrer mudanças, como nossas capacidades cognitivas durante a vida (3. 445-454), e ser afetados ainda no próprio corpo, como a convulsão (3. 487-505) e a embriaguez causada pelo vinho (3. 476-486) – indicando a relação entre mente e alma, e as capacidades de perceber e sentir associadas a esses princípios – e, se utilizando de tais

⁵ Joseph Farrel (2007: 83) ressalta a relevância desses livros a partir do equilíbrio simétrico. Assim, “o discurso sobre os átomos (1-2) e o discurso sobre a história natural (5-6) envolvem um relato da materialidade, da mortalidade e das paixões da alma (3-4). Há um sentido claro em que este é o elemento central da mensagem de Epicuro [...]. A centralidade deste ponto reflete-se na centralidade da sua posição dentro da simetria tripartida do poema”.

⁶ Lucrécio justifica a ausência de elementos que possamos ver se desprendendo do corpo após a morte devido ao tamanho do *animus* e da *anima* (3. 208-215).

assertivas, argumenta que algo eterno não poderia sofrer danos, ser afetado ou desgastado pelo tempo, corroborando para a teoria da mortalidade da alma (3. 506-509).

Ainda na seara da mortalidade da alma, o autor questiona a transmigração de uma alma para um novo corpo e a possibilidade de duas naturezas em tal grau distintas se ligarem de forma tão intensa. No primeiro caso, Lucrécio ironiza uma possível existência de almas imortais aguardando e disputando para ver quem entraria primeiro nos corpos – chegando a cogitar, em tom jocoso, “que houvesse, entre as ânimas,⁷ pacto selado que a que chegasse primeiro voando adentrasse primeiro o corpo, para evitarem a rixa entre elas” (3. 781-783), aponta que um recém-nascido não mantém a sabedoria e a força de sua experiência anterior, e afirma ser mais apto idealizar novas almas habitando os corpos em detrimento de almas que migram, perdem os sentidos e competências adquiridas, e se esquecem das experiências e vivências. No segundo, de acordo com o epicurista, se a origem da alma fosse externa e imaterial seria impossível se unir com outra de natureza material (3. 800-802), e mesmo se fosse possível, a união dessas duas naturezas derivaria em algo novo, deixando de ser “alma” e fundindo-se ao corpo de modo tal que necessitaria desintegrar junto ao corpo, justificando a impossibilidade da separação entre ambas as partes sem que elas perecessem de alguma forma (3. 686-697). O livro III segue com uma discussão fundamental na filosofia epicurista: o medo da morte. Como uma das incertezas que assombram até hoje grande parte da humanidade, não é de estranhar que o tema tenha um espaço relevante na filosofia epicurista que busca romper com os medos e alcançar o estado de *ataraxia*. A discussão, contudo, não nos cabe aqui.

Em seu quarto livro, Lucrécio versa sobre os *simulacra* como uma projeção de características de algo e não a coisa em si – a exemplo da troca de pele das serpentes, o amarelado da cúrcuma manchando as mãos ou os cheiros de ervas nos dedos após friccioná-las –, e o mesmo pode ser dito das aparições dos mortos. Segundo o poeta, essas projeções dos mortos não são diferentes da visão distorcida do Cérbero ou da junção do homem e do equino formando um centauro (4. 732-748), ou seja, a visão que temos desses seres seriam apenas os *simulacros* percorrendo espaços e gerando as projeções.⁸ Esclarecidos esses pontos, destacados pelo próprio autor em seus versos citados anteriormente (5. 59-63), podemos retomar os demais aspectos cosmológicos em Lucrécio.

⁷ Em versos anteriores, Lucrécio informou que juntaria os termos *animus* e *anima* e passa a designá-los apenas como *ânimas*, pois “ambos formam uma única coisa” (3. 424).

⁸ Em relação aos mortos, Lucrécio também associa a aparição dos mortos as crenças impostas à própria mente (4. 462-468), ao sono e a memória (4. 757-767), e aos nossos próprios desejos (4. 962-1036).

O Universo atômico em Lucrécio

Após estabelecer a finitude da vida humana e negar a imortalidade e, mesmo, uma possibilidade de sobrevivência da alma, embora não negue sua existência, Lucrécio aplica premissas similares ao mundo, e em seu resumo nos diz:

Quanto ao restante, trouxe-me aqui o meu argumento, para que eu diga que o mundo consiste em corpo que morre, e a razão também prova: o mundo também é nascido. E de quais modos tal união de matéria congrega e cria a terra, o céu, o mar, o sol, as estrelas, globo lunar; e depois, quais espécies viventes da terra emergiram; mais, quais espécies nunca nasceram, e de que modo aquele medo dos deuses adentra peitos, a fim que se vejam por todo o orbe das terras templos e lagos, grutas, altares e estátuas dos deuses. E eu mostrarei, quanto ao curso do sol, movimento das luas, por uma força, a natureza é capaz de guiar os seus fluxos (5. 64-75).

Segundo o poeta, há um paralelo entre o microcosmo (a alma humana) e o macrocosmo (o mundo), observável pelo termo *nativo* utilizado para designá-los: ambos estão sujeitos à lei universal do crescimento e da decadência e, assim como a alma humana, o nosso mundo teve um início e terá um fim. Entre os versos 91 e 109, Lucrécio utiliza os mares, o céu e as terras para ilustrar a diversidade da composição do planeta, ao mesmo tempo em que ressalta e repete o número três⁹ - cujo valor simbólico nos remete a um ciclo de tempo, com princípio, meio e fim -, e conclui: “único dia trará seu fim; após muitos anos sustentadas, ruirão a máquina e a massa do mundo” (5. 95-96). Embora afirme diversas vezes que nada na natureza deveria causar admiração ou surpresa, Lucrécio assume quão perturbadoras são essas ideias e a dificuldade de se crer em tais assertivas, por não ser algo tangível ou visível – uma prática retórica, permitindo enaltecer a discussão e sua explicação racional. A passagem se encerra com o poeta afirmando que “tudo pode acabar num horrísono estrondo” (5. 109).

Como parte da empreitada epicurista, Lucrécio inicia uma digressão refutando a posição teológica (5. 110-234),¹⁰ contestando que a terra e as estrelas são divindades: “Para que a religião não te freie, talvez, e não penses que a terra e sol, o céu, o mar, as estrelas, a lua sejam eternos por conta de terem um corpo divino” (5. 114-116). A partir do verso 117, verificamos uma série de ironias e alusões metafóricas e alegóricas ao epicurismo, ao pensamento

⁹ “Primeiramente, contempla os mares, o céu e as terras, vê sua natureza tríplice, três os seus corpos, ó Mêmio, três os aspectos díspares, três as suas texturas” (5. 92-94).

¹⁰ Lucrécio, entre os versos 110 e 113, faz um jogo de palavras relacionando o seu pronunciamento profético de uma Terra não divina ao oráculo de Delfos. Nesse sentido, sendo ele o porta-voz do “deus” Epicuro, como declarou em outras passagens, e abordando “às questões de maneira mais santa” (5. 111), Lucrécio, paradoxalmente, rebateria possíveis acusações de impiedade. Concomitante, ao repetir versos utilizados no livro 1, se referindo a Empédocles, Lucrécio estabelece uma relação implícita com seu antecessor.

materialista e à mortalidade do mundo,¹¹ e entre os versos 126 e 145 ocorre novamente as menções à *anima* e ao *animus*, inclusive repetindo, com pequenas modificações, os versos 3. 784-97, sugerindo que uma alma (ou a mente) não pode ser contida pela estrutura atômica dos corpos celestes e, portanto, eles não podem estar vivos – uma possível crítica aos estoicos e a concepção de *Pronoia* (providência, previsão, premeditação).¹²

Se o mundo não é divino, tampouco é a morada dos deuses. Lucrécio afirma que “a natureza dos deuses é tênue e tão afastada dos sentidos mortais que mal pode a mente apreendê-la” (5. 148-149), isto é, essa natureza insubstancial e intangível dos deuses requer uma morada própria e de natureza similar. Por conseguinte, sendo os deuses compostos por uma natureza “que foge ao tato das mãos” (5. 150)¹³, eles também seriam incapazes de interagir com aspectos de substância física do nosso mundo¹⁴.

Ainda em sua oposição à concepção teológica de outras escolas filosóficas, o poeta questiona, aparentemente enaltecendo de forma satírica, a suposta motivação dos deuses em preparar o mundo por causa dos humanos e, em decorrência da providência divina – reiterando sua crítica aos estoicos –, considerá-lo eterno e imutável, e de forma breve e desdenhosa conclui: “é estupidez” (5. 155-165). Lucrécio, então, estabelece um dilema: o mundo enquanto criação divina atende aos interesses humanos ou divinos? Poderiam os humanos ofertar algo a esses seres imortais e felizes? Estariam os deuses entediados após tanto tempo de existência? Haveria algum mal ao gênero humano se eventualmente fosse criado? Sendo os deuses felizes, perfeitos e, mediante a própria perfeição, impossibilitados de obter qualquer vantagem adicional, não haveria vantagens para os deuses nesta criação. Por sua parte, se ainda não existiam, não haveria meios do ser humano ser favorecido, e sua criação é indiferente (5. 165-180).

¹¹ O poeta alude, por exemplo, ao mito da Gigantomaquia e a insinuação de que os filósofos materialistas seriam, de forma semelhante, ímpios, por ir contra os deuses, perturbarem as muralhas do mundo (o éter que envolve a Terra na cosmologia epicurista, como mencionado entre os versos 5. 449-494) e extinguirem o sol – se referindo à destruição e consequente mortalidade do mundo. No poema, contudo, os gigantes seriam os heróis da trama e não os vilões. Sobre a Gigantomaquia em Lucrécio, ver: Clay, 1997.

¹² Na obra *De natura deorum* (1. 18), Cícero, através da personagem Veleio, diz: “Escutai proposições não frívolas nem mentirosas, nem o deus autor e construtor do mundo do *Timeu* de Platão, nem a *Pronoea*, a velha profética dos estoicos, que em latim se pode dizer Providência, nem realmente o próprio mundo previamente dotado de espírito e de sentidos, um deus redondo, ardente e volúvel [...]” Tradução de Bruno Bassetto, 2016.

¹³ Na teoria epistemológica epicurista, os demais sentidos são redutíveis em detrimento do tato como o principal órgão sensorial, ou como definiu em outro verso “a mais sólida via da crença” (5. 102), justificando a passagem com tanta ênfase ao toque, observada nos versos 150 e 151, e a problemática interação entre os deuses e o nosso mundo.

¹⁴ Embora o autor prometa desenvolver o tema isso não ocorre, originando conjecturas como a hipótese do poema inacabado.

A última parte, que aborda a discussão oposta ao viés teológico, versa sobre a origem do modelo para criar o mundo e o humano (5. 181-234) – atribuída não aos deuses, mas à própria natureza. Lucrécio reafirma que o Universo é não-divino, posto ser tão cheio de imperfeições, como o mar que separa as margens das terras, os vastos pântanos, a hostilidade entre seres humanos e animais selvagens ou o “fêrvido ardor” e a “assídua queda da neve” que “a nós mortais duas partes nos rouba”¹⁵, ou a presença da morte prematura a nos rondar. Essa visão aparentemente pessimista de Lucrécio está circunscrita ao argumento antiprovidencialista, concebendo a imperfeição do mundo como prova de que ele não foi criado e não é governado pelos deuses, em oposição à perspectiva estoica do mundo perfeito como evidência de uma criação divina e do governo do cosmos.

A partir do verso 235, o poeta retoma o argumento do mundo destrutível e introduz o primeiro indício: uma vez que as coisas que existem na Terra, compostas aparentemente pelos quatro elementos,¹⁶ “todas são providas de corpo que nasce e que morre, deve-se crer que igual é toda a natureza do mundo” (5. 235-239). O primeiro dos elementos abordados é a terra (5. 252-260), descrito em uma espécie de ciclo, “que ela parece ser mãe e sepulcro de todas as coisas, vês que a terra se gasta, e, por fim, restaurada, recresce” (5. 259-260)¹⁷. Há, em seu argumento, um axioma implícito e fundamental: pressupõe eterno aquilo que é imutável (1. 670-671, 3. 519-520). Logo, o ciclo da terra indica mudanças e, conseqüentemente, a possibilidade de decadência e destruição.

As águas possuem um movimento similar, em constante renovação e permitindo, através de seu processo, certo equilíbrio, não formando água em excesso (5. 261-272), “parte quando o válido vento varrendo o oceano o diminui, assim como o etéreo sol com seus raios, parte ao se distribuir para dentro de todas as terras. Filtra-se toda a impureza, e de volta reflui a matéria líquida” (5. 266-270)¹⁸. O ar é tratado mais brevemente (5. 273-280), com argumentos

¹⁵ “Dessa extensão, a nós mortais duas partes nos rouba o fêrvido ardor, assim como a assídua queda da neve” (5. 204-205). O trecho refere-se a divisão em cinco zonas: uma região entre os trópicos chamada de tórrida, duas temperadas entre os trópicos e os círculos polares, e duas polares – estabelecidas por Parmênides, segundo Estrabão (2. 2. 2). Sobre outras referências as regiões do mundo, ver Cic. *ND*. 1. 24, *Tusc*. 1. 65-66; Aratus. *Phaen*. 462-544; Verg. *Gorg*. 1. 231-267.

¹⁶ Podemos observar uma crítica sutil levantada por Lucrécio ao não confirmar a teoria empedocliana dos quatro elementos (terra, fogo, água e ar). Ao afirmar que o mundo “parece que consiste” (5. 237), o poeta deixa implícito haver algo não perceptível, mas mais fundamental na composição do mundo: os átomos.

¹⁷ Na passagem, ao descrever a terra como mãe, Lucrécio faz um jogo de ideias, explorando, por metáforas, a mitologia, enquanto propõe a visão de um mundo natural. Neste caso, a “terra mãe” concebida na mitologia como Gaia, também é mãe na medida em que nos nutre por meio das colheitas. Sobre a discussão, ver: Fowler, 2000: 140-148; Gale, 1994: 39-41.

¹⁸ O verso 267, em que Lucrécio fala sobre os raios de sol evaporando a água, diz: “deminuunt radiisque retexens aetherius sol”. Embora a tradução de Rodrigo Gonçalves não aborde, os termos *retexens* e *radiis* transmitem uma relação com o ato de costurar, em que *radiis* pode ser traduzido tanto como um raio luminoso, quanto uma estaca,

relacionados à terra, enquanto receptáculo passivo, e “ao mar grande dos ares”, ou seja, ao processo cíclico da água¹⁹.

Por fim, no último ciclo, o fogo, Lucrécio discorre sobre o “etéreo sol” e sobre a luz emanada (5. 281-305) – esses raios de luz, materiais e compostos por átomos, são partículas do sol em um fluxo constante, interrompidos temporariamente pelas nuvens até a “renovação”²⁰ –, e declara: “o que quer que exista primeiro das chamas se perde, a menos que acredites que contem com força inviolável” (5. 304-305)²¹. Posteriormente, Lucrécio utiliza dois argumentos breves, retomando sua discordância quanto às crenças religiosas: os deuses não são capazes de proteger suas estátuas e templos, pois se desgastam com o tempo (5. 306-317)²²; e o céu cria todos os seres que nascem e morrem, e os recebe novamente após a morte (5. 318-323) – supostamente minguando, ao dar um pouco de si, e se restabelecendo após o retorno do morto, em um processo contínuo de transformação e renovação²³.

O poema segue com a afirmativa de que o Universo é algo novo e toda a natureza do mundo é recente (5. 324-337), comprovada pela ausência de registros mais antigos – incompatível com um mundo que existe desde sempre. Por outro lado, se o mundo de fato for antigo e os vestígios se perderam por cataclismos periódicos, e toda a civilização humana precisou se desenvolver novamente, “mais ainda debes aceitar a derrota, pois que devem perecer o céu e as terras”, bastando apenas um desastre mais grave para acabar completamente com o mundo (5. 338-347)²⁴. Portanto, ao sofrer com as intempéries, cataclismas e toda a

enquanto *retexens* pode se referir a destecer. Assim sendo, os raios do sol destecem a água – uma provável alusão à junção e separação dos átomos na formação dos elementos.

¹⁹ O elemento ar é concebido como um receptáculo passivo, pois os átomos dos objetos, após se desprenderem, entrariam em contato com o ar e seriam absorvidos por esse elemento, a exemplo dos *simulacros*, até ocorrer uma reincorporação em uma nova estrutura atômica. Logo, assim como os rios fluem para o mar, os átomos dos demais elementos também fluiriam para o ar, como a poeira da terra ou o processo de evaporação, tornando compreensível a metáfora do autor ao utilizar a expressão “mar grande dos ares” (5. 276).

²⁰ No verso, Lucrécio diz “como se interrompessem a luz entre os raios, e, de imediato, desaparecem os raios abaixo” (5. 287-288), compreendendo que a origem dos raios não finda, mas sob as nuvens os raios perecem – um processo constante e similar ao ciclo da água –, e compara com a necessidade de renovação constante para manter as tochas e lamparinas (5. 294-301). Seu argumento, porém, embora afirme existir, não deixa claro a origem das chamas que renova “sol, lua e estrelas”.

²¹ O comentário provavelmente refere-se ao fogo divino, fonte e destino de toda a vida, e aponta que mesmo esse elemento estaria sujeito a decomposição.

²² Na passagem fica implícito a crítica na busca pela fama e na imortalidade da memória como algo irrelevante, pois mesmos os monumentos que preservam a memória tendem a perecer.

²³ Mais uma vez identificamos Lucrécio se utilizando dos mitos para seus próprios fins e criticando os estoicos ao falar do céu em uma provável referência ao fogo primordial e criador. Sobre a compreensão estoica a respeito do tema, ver Cíc. *ND*. 2. 23-25, 64-65).

²⁴ Na passagem, como sugere West (1969: 64-65), a frase “haveria desastre e ruína” (5. 347) nos sugere um prédio em escombros, lembrando o argumento utilizado pela personagem Lucílio Balbo (Cíc. *ND*. 2.15), ao comparar o cosmos e uma casa, pressupondo que a própria ordenação do cosmos, tal qual a organização de uma casa, evidencia o governo de alguma inteligência. Para Lucrécio, porém, a metáfora da casa ocorre na medida em que ambos estão fadados a desabar.

natureza de males, o nosso mundo está fadado à destruição completa, assim como a fisiologia humana, sujeita a doenças, é um prenúncio de nossa mortalidade (5. 348-350).

Os versos 5. 351-363 são repetições dos versos 3. 806-818, em uma prática frequente no poema de Lucrécio para demonstrar as semelhanças entre o macrocosmo e o microcosmo, isto é, entre o Universo e a alma humana. Nesse trecho, o mundo, assim como a alma humana, não possui os critérios de indestrutibilidade: não é sólido o suficiente para resistir, como os átomos que são “sólido corpo” e não podem ser afetados por nenhuma força externa; ou vazio para que os golpes não o afetem, como o inane intangível; e tampouco é infinito como o Universo²⁵. Em vista disso, o nosso mundo não atende a nenhum dos critérios especificados e não pode ser indestrutível (5. 364-372). Ao contrário, as coisas são compostas por átomos e espaço vazio, permitindo o movimento, e são circunscritas, de modo que nem mesmo os quatro corpos elementais, “o céu ou terra ou sol ou vagas ondas”, escapam da “porta da morte” (5. 373-375) – há uma relação entre o vir a ser e o perecer, indicando que, como esses corpos são mortais e sujeitos à destruição, é necessário aceitar que tudo teve uma origem (5. 376-379).

Nos últimos versos sobre a finitude do mundo (5. 380-415), Lucrécio aponta para o desequilíbrio, volatilidade e imprevisibilidade dos elementos, personificando-os em uma espécie de guerra brutal – em especial os elementos fogo e água: por vezes com o “ígneo princípio, vencendo” (5. 394), e outras foi “o líquido humor que reinou pelos campos” (5. 395)²⁶. A história continua com os relatos mitológicos de Faetonte (5. 396-405), filho de Hélios, e as rédeas do carro do Sol, causando incêndios pela Terra ao não conseguir controlar a carruagem – sendo, por fim, fulminado por Zeus –, e do dilúvio (5. 411-415), uma referência indireta ao mito de Deucalião. Nos dois casos, Lucrécio, respectivamente, ironiza (5. 405-406) e ignora (5. 411-412) a falsa explicação dos mitos e propõe uma explicação científica e racionalista.

Estabelecidas as premissas de que o mundo não foi criado pelos deuses, teve um início e terá um fim, Lucrécio inicia sua descrição da formação do mundo²⁷ reiterando o princípio

²⁵ Sobre os átomos como corpos sólidos, eternos e indivisíveis, Lucrécio aborda o tema no livro 1, especialmente entre os versos 483 e 634. A existência do espaço vazio e como ele permite a existência a partir da possibilidade do movimento, ver l. 329-417; e no tocante a infinitude do Universo, do espaço e da matéria, ver l. 951-1117.

²⁶ O aspecto heroico para retratar os elementos representa, de forma análoga, os heróis míticos das poesias épicas narrativas. Sobre a discussão, ver Gale, 1994: 117-124; e 2000: 232-240. A respeito da metáfora da guerra dos elementos, o autor pode estar se referindo as ideias pré-socráticas, como Anaximandro e a luta de opostos, ou talvez uma menção a guerra civil. Feeney (1991: 8-11) sugere uma alusão a *Iliada* e a luta interna entre os deuses olímpicos.

²⁷ “E de quais modos tal união de matéria conjuga, cria a terra, o céu, o mar com sua profundidade, curso do sol e da lua, demonstrarei pela ordem” (5. 416-418).

epicurista da existência a partir da colisão de átomos e não por ação divina (5. 419-431)²⁸. Essas colisões não foram ordenadas pela providência: ao contrário, são caóticas e aleatórias, movidas pelo próprio peso, desde o tempo infinito, em uma constante de atração e repulsão, permitindo experimentar diferentes composições ao se reunirem e, conseqüentemente, dando “os inícios às mais grandiosas coisas: mares e terras e céus e as espécies viventes” (5. 430-431).

Do caos primordial, uma massa tempestuosa e instável formada por princípios de todos os tipos, as partes começaram a se separar dos dissidentes e se aproximar por afinidades - e assim os elementos começaram a emergir (5. 432-448)²⁹. Os versos seguintes descrevem o processo de forma detalhada: os pesados e densos átomos de terra afundam, tendem ao centro e expõem os outros elementos (5. 449-456); esses outros elementos são menores, mais leves e redondos, facilitando o movimento, principalmente o ignífero éter, um vapor e calor que sobe da terra e alcança as zonas mais altas e cerca o planeta envolvendo-o em um abraço (5. 449-470)³⁰ – separando o nosso mundo do Universo infinito³¹; ao apartarem-se da terra e com os constantes golpes do éter e dos raios de sol, a terra se condensou cada vez mais ao centro, e de sua densa massa “exalava os humores salinos; com tal suor ampliava os mares e os campos natantes” (5. 480-489). Nosso mundo, portanto, tem uma estrutura densa e pesada, estática pela natureza do elemento terra, e envolto por uma redoma de éter que envolve a terra, as águas e o ar.

Nos versos que se seguem (5. 491-508), Lucrécio recapitula o processo de separação enfatizando o equilíbrio alcançado pelos elementos, e conclui comparando os fenômenos terrestres (o fluxo imutável e constante do Mar Negro) e os fenômenos celestes (o fluxo imutável e constante do éter), dando as bases da próxima discussão abordada: o movimento dos corpos celestes.

Como afirmado anteriormente, o elemento terra traz um caráter denso, pesado e estático para o nosso mundo. Não obstante, sob o ponto de vista daqueles que aqui habitam, há algum movimento dos corpos celestes. Lucrécio cogita duas possibilidades – subdividindo a segunda

²⁸ Alguns desses versos já apareceram antes, em diferentes partes do poema – indicando a relevância por repetição. Contudo, a recombinação de versos, dentro desse contexto, pode simbolizar as múltiplas e infinitas recombinações dos átomos na formação de novas estruturas, assim como um conjunto de letras combinadas formam diferentes palavras (2. 688-699). Sobre a teoria da recombinação dos versos, ver Gale, 2004.

²⁹ Um eco de Empédocles é facilmente identificado nas ideias de Lucrécio, seja pela menção aos quatro elementos, quanto pela formação dos elementos a partir da afinidade (*philia*) e da repulsa (*neikos*) que, respectivamente, combinam e separam os elementos.

³⁰ A menção do céu abraçando a terra pode ser uma referência implícita, e racionalizada, do mito de Urano e Gaia.

³¹ Entre os versos 471 e 479, são abordados brevemente a origem do sol e da lua como partes da Terra, mas habitando e realizando seus movimentos em uma zona intermediária, nem tão leve quanto o éter, nem pesado como a terra – o tema dos corpos celestes, porém, será abordado um pouco mais adiante.

em três – para explicar a relação entre a esfera de éter e as estrelas. Na primeira hipótese (5. 510-516), a revolução da “esfera celeste” é comparada ao movimento de uma roda d’água, sustentada pelas pressões dos ares nas extremidades (nos polos) como eixos de suporte, e rotacionada a partir de duas correntes de ar, uma em cada polo, em sentidos opostos - neste caso, as estrelas seriam fixas na abóbada celeste, girando conforme o movimento da própria³². Na segunda teoria, “é possível que o céu todo fique parado, mas as estrelas, luminosos signos, se movam” (5. 517-518) impulsionadas pelas correntes do éter (5. 519-521), sopradas por ventos de fora (5. 522-523)³³; ou esses astros se movem na busca de “alimento que atice seus fogos” (5. 523-525). Lucrécio afirma que todas as quatro explicações provavelmente ocorrem no Universo infinito – afinal, em um cenário infinito, tudo que é válido e possível de acontecer, eventualmente deverá ocorrer em algum momento e lugar. Todavia, o poeta assume ser incapaz de definir, por falta de evidência empíricas, qual a explicação provável para nós “que explique em nosso mundo os motos dos astros”, e tal descoberta só será possível conforme o gradual progresso humano (5. 526-533).

A imobilidade da Terra, localizada no centro do mundo, no formato de um disco plano flutuando no ar, em oposição ao movimento dos astros é então discutida. Lucrécio versa que a Terra desvanece e decresce, tornando-se mais rarefeita, fundindo-se as partes aéreas do mundo (5. 534-538). Além disso, afirma haver uma outra natureza embaixo da Terra desde a formação do Universo (5. 536-537). Os versos seguem com diversas analogias entre o mundo (macrocosmo) e o corpo humano (microcosmo): assim como não sentimos o peso daquilo que nos é nativo, nosso próprio corpo, órgãos e membros, mas sentimos qualquer corpo estranho e externo, mesmo os mais leves, a terra não pesa nem comprime o ar em volta, pois foi criada ao mesmo tempo que o ar, sendo essa união existente desde a origem do Universo (5. 539-549); a outra natureza abaixo da Terra não foi nomeada, de forma similar à quarta natureza da alma; por sua vez, a terra e o ar, organicamente conectados, são comparados ao corpo e a alma, respectivamente (5. 550-563).

A última parte que nos interessa do livro, como indicado previamente, versa sobre temas relacionados ao Sol e a Lua. Segundo Lucrécio, sob sua perspectiva empirista, a medida e intensidade do calor do sol são exatamente aquelas que percebemos (5. 564-572). Quanto a lua, embora assuma também não haver mudanças entre o seu tamanho real e aquilo que podemos

³² Devemos compreender esses sentidos opostos sob a perspectiva de quem se encontra na superfície, visto que, esses ventos estariam realizando o mesmo movimento em sentido circular.

³³ A passagem não é clara, mas possivelmente o “vento” de fora deve ser externo ao nosso mundo, além dos limites da Terra, ou talvez apenas uma referência aos átomos “livres” e “leves” como o vento – neste caso, constatando que os átomos não são exclusivos da Terra, mas estão presentes em todo o Universo.

observar, Lucrécio lança dúvidas sobre a fonte de sua luz ser própria ou emprestada (5. 575-584). Em ambos os casos, o poeta assume ser impossível ocorrer uma distorção da imagem por distância, pois, no caso do Sol, o calor sentido nos permite presumir sua proximidade, e no caso da Lua, do mesmo modo, se faz necessário presumir ser o que vemos o seu real tamanho devido à nítida imagem que temos de sua aparência e de seus contornos³⁴.

Segue-se, então, que Lucrécio precisa lidar com um tema, *prima facie* paradoxal, derivada do problema anterior: sendo o sol pequeno, do tamanho exato percebido, como pode fornecer luz e calor ao mundo inteiro?³⁵ O poeta fornece, em tal caso, três possíveis explicações: (1) haveria algum ciclo do fogo similar ao ciclo da água, de forma a manter um reabastecimento contínuo (5. 597-603)³⁶; (2) existe uma disposição do ar na difusão do calor, como um incêndio decorrente de apenas uma fagulha (5. 604-609); ou (3) o Sol é cercado por algum fogo invisível, talvez referência a pequenas partículas do elemento fogo, capaz de potencializar o calor produzido (5. 610-613).

Em relação às órbitas do Sol e da Lua, Lucrécio afirma e enfatiza não haver meios de estabelecer uma explicação clara e simples (5. 614-620). Seguindo as indicações de Demócrito, um precursor da teoria atômica de Epicuro, Lucrécio declara que os objetos mais próximos a Terra tendem a se movimentar de forma mais lenta e os mais próximos ao éter, de forma mais rápida – uma referência ao movimento da abóbada celeste, já mencionado. O Sol e a Lua, realizando sua revolução em uma zona intermediárias, seguem em um movimento mais lento – a Lua, mais próxima a Terra, possui um movimento ainda mais vagaroso. Neste caso, haveria uma possível ilusão na percepção dos movimentos, tanto no sentido quanto na velocidade. Em outros termos, aparentemente, vemos uma mudança de posição do nascer e do pôr do Sol (eclíptica), percorrendo as constelações e a esfera celeste, mais lenta que a órbita da Lua – o Sol em um ano e a Lua em um mês –, porém, segundo Lucrécio, devido as diferentes velocidades de movimento, o Sol é ultrapassado pelas constelações, e a Lua, por ser mais lenta,

³⁴ No livro IV (353-363), Lucrécio afirma que os *simulacra* sofrem atrito ao passar pelo ar até chegar em nossas retinas, fazendo com que enxerguemos os objetos distantes em formatos distorcidos. Portanto, se identificamos a Lua, sua forma e borda com perfeição, presume-se, dentro desse argumento, que a Lua só pode estar próxima e seu tamanho é como a percebemos diante dos nossos olhos. O mesmo raciocínio é aplicado às estrelas no éter (5. 585-591).

³⁵ Entre os versos 5. 590-594, ao iniciar sua indagação, Lucrécio diz: “Isso também não é de se admirar”, reafirmando, de forma recorrente, que a natureza está sujeita as explicações racionais e qualquer superstição ou explicações religiosas decorrente do estranhamento e do desconhecido devem ser afastadas.

³⁶ Nesta passagem, o autor se utiliza de termos como “largíflua fonte” (*largifluum fontem*), “fluindo” (*confluit*) e “brotasse de uma nascente” (*ex uno capite hic ut profluat*), aludindo ao movimento das águas.

é ultrapassada e rodeada muitas vezes mais, dando a falsa sensação de completar o circuito em um período mais curto (5. 621-636)³⁷.

Retomando o argumento de que a esfera celeste seria estática, mas os astros se moveriam, Lucrécio cogita, também, haver correntes de ar soprando de lados alternados do mundo, em momentos distintos, fazendo o Sol se mover, bem como a Lua e os demais astros (5. 637-645). Esse movimento causado pelo ar pode ocorrer em diferentes níveis, intensidades e direções, soprando o Sol para um lado, a Lua para outro, como as nuvens carregadas em diversos sentidos (5. 646-649). Após ser soprado e empurrado pelo vento em sua longa jornada, o Sol completa seu curso exaurido, sem forças e exala seus últimos fogos, necessitando recompor seu fogo e restituir seu brilho, ou talvez seja apenas seu curso transportado hora para baixo, hora para cima de nosso mundo, em um fluxo contínuo e constante que causa o amanhecer e o anoitecer (5. 650-679)³⁸.

Lucrécio versa ainda sobre as durações diferentes dos dias e das noites no verão e no inverno – dias mais longos e noites mais curtas no verão, e proporcionalmente inversos no inverno –, e novamente oferece três explicações alternativas derivadas das discussões anteriores sobre o Sol e seu movimento: talvez a órbita do Sol acima da Terra seja maior no verão e menor no inverno (5. 682-695); ou a densidade espessa do ar em algumas regiões, dificultando o movimento e atrasando a órbita do Sol (5. 696-700); ou então as “sementes de fogo”, necessárias para recompor seu fogo e restituir seu brilho, se concentram mais rápida ou mais lentamente em períodos distintos (5. 701-704).

Após desenvolver diversas teorias a respeito do Sol, Lucrécio volta seu olhar para a Lua – em especial as suas fases. A Lua, cujo brilho é o reflexo da luz do Sol, realiza seu movimento de revolução ao redor da Terra e, ao realizar tal movimento, se alterna sua face iluminada e como conseguimos observar seus diferentes ângulos (5. 705-714). Embora essa explicação, conforme apresentada, seja correta e coerente com as nossas pesquisas atuais – havendo, obviamente, algumas divergências –, Lucrécio propôs ainda outras alternativas. Também é possível, afirma o poeta, que a Lua tenha luz própria e o que vemos são as variadas formas do seu brilho, ou talvez haja um corpo escuro entre a Lua e a Terra obstruindo a luminosidade e

³⁷ Na passagem (4. 387-390), Lucrécio, explicando o movimento e a falsa inferência da mente, declama: “Vai o navio que nos leva, mas parece parado; e o que está estacionado, ao contrário, nós cremos que vai-se. Montes e campos parecem fugir, afastando-se à popa, quando nós passamos por eles, as velas voando”.

³⁸ A passagem possui referências religiosas e mitológicas diretas e indiretas, seja na menção a deusa do amanhecer, Matuta (5. 652), ou o movimento do Sol, cuja explicação científica e racional evoca a imagem mitológica da carruagem dirigida por Hélios. Ademais, o autor compara a precisão temporal das revoluções ao florescimento, as estações, ao crescimento da barba, ao cair dos dentes, ocorrendo, desde a origem, em um ciclo contínuo e constante em ordem determinada, demonstrando um caráter previsível e lógico da natureza em oposição à concepção religiosa e providencial (5. 666-679).

depois se retirando, mas por sua natureza escura não é possível observá-lo (5.715-730). A última explicação sugere que cada fase da Lua é, na verdade, uma Lua nova, isto é, dia após dia a Lua morre e se reconstitui em uma sequência regular (5. 731-736)³⁹. Por fim, o poeta epicurista versa sobre os eclipses, atribuindo a ocorrência tanto a interposição da Lua, nos casos de eclipse solar, ou da Terra, nos de eclipse lunar, (5. 751-755) – como atestado em nossos dias –, quanto ao corpo estranho e escuro se posicionando entre a Terra e o objeto (5. 756-757), e mesmo uma eventual extinção e reconstituição do Sol e da Lua ao passarem por regiões mais hostis (5. 758-761), alegando que todas essas teorias são igualmente possíveis de ocorrer e não há fenômenos observáveis que as contradigam, sendo viável até uma ocorrência simultânea (5. 762-771).

No decorrer do quinto livro, Lucrécio ainda abordará o começo da vida na Terra - as primeiras plantas e animais, a impossibilidade da existência de feras míticas híbridas, como os centauros, bem como o surgimento do ser humano, da linguagem, e o início e a evolução das civilizações, perpassando pela descoberta do fogo, a origem da religião e o desenvolvimento da agricultura, música, poesia e astronomia – esses temas, contudo, apesar da relevância, fogem a proposta deste artigo.

Conclusão

No poema *De rerum natura*, Lucrécio apresenta uma visão coerente e abrangente do universo através da lente do atomismo epicurista. No livro V, o poeta usa a astronomia e a cosmologia para explicar a natureza de forma racional. Ele argumenta que o universo é infinito em sua extensão, sem bordas ou limites, e composto de infinitos átomos em movimento constante no vácuo – uma visão fundamental para os epicuristas. O universo infinito implica, também, na existência de inúmeros mundos além do nosso, com suas próprias configurações de átomos, habitáveis ou não, sugerindo que a nossa existência e do nosso mundo não possui algum caráter singular, e nosso mundo, sendo apenas mais um, irá perecer e se reconstituir em outras coisas como tudo que existe. O movimento eterno dos átomos significa, por sua vez, que o Universo está em constante renovação e mudança, em um ciclo contínuo e constante de

³⁹ Lucrécio personifica as estações a partir de seus atributos característicos e as representa associando-as a divindades e ventos sazonais (5. 737-750): Vênus, Cupido, Flora e Zéfiro, correlacionados às flores e aos perfumes da primavera; Ceres e as etésias ao calor escaldante do verão; Dioniso (Baco), Volturino e Austro ao outono; e, por fim, o solstício de inverno trazendo a neve. Não devemos esquecer que Lucrécio se utiliza dos deuses como figura de linguagem, não em um sentido literal, mas em um possível processo de ironia e/ou racionalização da visão de mundo.

nascimento e morte, proporcionando um contraste entre o universo infinito e a finitude da vida humana individual. Desse modo, a menção aos livros III e IV, ao abordar o tema da alma inserido na compreensão do cosmos, complementam essa visão.

Lucrécio argumenta que a alma e o corpo são compostos de átomos, ou seja, a alma, embora composta por átomos mais finos, leves e sutis, é tão mortal quanto o corpo. Esta concepção desmistifica o medo da morte, uma vez que a alma se dispersa após a morte, resultando na cessação da consciência e da identidade individual. O autor constantemente compara o microcosmo, o humano, e o macrocosmo, o universo, contrastando a finitude humana e a infinitude do universo, e destaca a insignificância relativa da vida humana no grande esquema das coisas. No entanto, essa insignificância não é desmoralizante, ao contrário, ela serve para libertar as pessoas de preocupações cósmicas e incentivá-las em suas vidas presentes e tangíveis. Seu poema, portanto, possui ainda um propósito didático.

Ao descrever fenômenos astronômicos como eclipses, a formação de planetas e estrelas, e as mudanças no clima, Lucrécio rejeita explicações sobrenaturais e mitológicas, e busca explicar esses fenômenos através de causas naturais, demonstrando a ordem natural do universo, desafiando as concepções tradicionais de um cosmos ordenado por deuses, propondo em seu lugar uma visão naturalista e mecanicista do mundo que pode ser compreendida através das leis naturais. Do mesmo modo, ao entender que a alma é mortal e que não há vida após a morte, os indivíduos podem libertar-se do temor do desconhecido e das punições divinas, vivendo de maneira mais plena e serena.

A compreensão de um universo infinito e naturalista elimina a necessidade de temer deuses caprichosos ou um pós-vida punitivo. Bem como a percepção de que o Universo é vasto e infinito enquanto a vida humana é curta e finita pode instilar um senso de humildade. Ao reconhecer nossa pequena parte no cosmos, somos incentivados a viver de acordo com a natureza e desfrutar dos prazeres simples que a vida oferece. Lucrécio se utiliza dessas perspectivas para argumentar que os medos e superstições são produtos da ignorância, e que a verdadeira paz de espírito vem da compreensão racional da natureza. Essa abordagem é essencial para a filosofia epicurista, que busca a *ataraxia* através da compreensão racional da natureza.

A finitude humana em oposição ao universo infinito em Lucrécio não é um contraste que leva ao niilismo, mas sim um fundamento para uma vida livre de medos irracionais e superstições. Lucrécio nos oferece uma visão integrada e libertadora da existência humana. Em outras palavras, o poeta nos convida a reconhecer nossa mortalidade e a vastidão do cosmos e mostra que, embora sejamos finitos e efêmeros no grande esquema cósmico, podemos nos

libertar da ansiedade, e encontrar paz e propósito ao entender nossa natureza e o mundo ao nosso redor. A libertação do medo da morte e dos deuses, ao compreender a nossa finitude e a natureza, permite que os seres humanos se concentrem na busca da felicidade e do bem-estar no presente. Assim, a visão de Lucrécio não só redefine a compreensão do universo, mas também reorienta a vida humana em direção à racionalidade, à liberdade e à serenidade.

Documentação textual

LUCRÉCIO. *Da Natureza das Coisas*. Tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015.

LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Autores antigos

ARATO. *Fenômenos*. Caderno de Traduções, nº 38. Porto Alegre: UFRGS, 2016: 1-84.

CÍCERO. *A natureza dos deuses*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2016.

CÍCERO. *Discussões Tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014.

Bibliografia referencial

CLAY, D. Lucretius' Gigantomachy. In: ALGRA, K.; KOENEN, M; SCHRIJVERS, P. (eds). *Lucretius and his Intellectual Background*. Amsterdam, 1997: 187-92.

FARREL, J. Lucretian architecture: the structure and argument of the *De rerum natura*. In: GILLESPIE, S.; HARDIE, P. *The Cambridge Companion to Lucretius*. Cambridge University Press, 2007: 76-91.

FEENEY, D. *The Gods in Epic: Poets and Critics of the Classical Tradition*. Oxford, 1991.

FOWLER, D. *Roman Constructions: Readings in Postmodern Latin*. Oxford: 2000.

FOWLER, D. *Lucretius on Atomic Motion. A Commentary on De Rerum Natura 2.1-332*. Oxford, 2002.

GALE, M. *Myth and Poetry in Lucretius*. Cambridge: 1994.

GALE, M. *Virgil on the Nature of Things: The Georgics, Lucretius and the Didactic tradition*. Cambridge, 2000.

GALE, M. The Story of Us: A Narratological Analysis of Lucretius' *De Rerum Natura*. In: GALE, M. (Ed). *Latin Epic and Didactic Poetry: Genre, Tradition and Individuality*. Swansea, 2004: 49-71.

KENNEY, E. Lucretian texture: style, metre and rhetoric in the *De rerum natura*. In: GILLESPIE, S.; HARDIE, P. *The Cambridge Companion to Lucretius*. Cambridge University Press, 2007: 92-110.

WARREN, J. Lucretius and Greek philosophy. In: GILLESPIE, S.; HARDIE, P. *The Cambridge Companion to Lucretius*. Cambridge University Press, 2007: 19-32.

WEST, D. *The Imagery and Poetry of Lucretius*. Edinburgh, 1969.